



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **CALADUNO.**

CASTRO, Domingos Leite de

Ano: 1909 | Número: 26

---

### **Como citar este documento:**

CASTRO, Domingos Leite de, Caladuno. *Revista de Guimarães*, 26 (3) Jul.-Set. 1909, p. 89-122.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## CALADUNO

---

Wasseling, nas suas notas ao Itinerario, diz a respeito de Caladuno:

«Evidentemente este vocabulo é da mesma origem de *Cale*; o segundo elemento, *dunum*, leva-nos a crêr que a séde dos Callaicos estava n'um alto monte». Portanto, na sua opinião, Caladuno era a séde, a principal cidade dos Callaicos.

Quasi todos os antiquarios foram da mesma opinião; mas os pareceres sobre a situação d'esses povos e d'essa cidade variaram muito.

Contador d'Argote dizia que os Gallegos «estavam situados entre o rio Minho e a cidade de Braga pela montanha» e punha Caladuno no logar das Gralhas em Montalegre. Sivelo, deixando ahi a cidade, reduziu o assento do povo á região entre Lima e Cávado, separando-o assim da sua capital. Fernandez Guerra collocou os Gallegos entre o Tamega e o Pinhão e Caladuno *hacia* Sabrosa, tornando-os a reunir.

Discutindo a situação d'estes povos, ultimos defensores da Lusitania moribunda, o mesmo Contador d'Argote cita Plinio: «O rio Minho, que tem uma legua de largo na foz. Depois os Leunos, os Seurbos, e a Cidade Augusta dos Bracaros, acima dos quaes está a Galliza (*quos supra Gallæcia*).» O peor é que alguns dos codices de Plinio teem, em vez d'aquelle *quos* do fim, um *quod*, e, consoante vingar uma ou outra lei-

tura, assim os Gallegos estavam a cima ou a baixo de Braga, diz elle.

Ora, Plinio vem descrevendo o litoral do Minho para Braga e, chegando ahi, diz que, acima dos Bracaros está a Gallæcia. Parece pois deveria entender-se que Plinio chama a cima a região a sul de Braga <sup>1</sup>, tanto mais que é sabido ser o Douro o limite entre Lusitanos e Gallegos.

A fixar essa intelligencia, pela reduçção definitiva de Caladuno, é que tendeu o meu estudo, quando uma serie de circumstancias me levaram a considerar attentamente o *Pé do Cão*; mas depois o principal tornou-se secundario; porque eu creio poder affirmar que todas as estações da celebre e mysteriosa estrada de Caladuno estão igualmente reduzidas, apesar do vaticinio, tão desanimador como auctorisado, de Hübner.

É certo que todos aquelles, muito mais bem apetrechados, que teem navegado por estes mares, tantas vezes navegados, dizem o mesmo, e aqui estou eu affirmando que tomaram quasi sempre a nuvem por Juno. Não poderá succeder-me o mesmo? Certo, hei de ter errado muitas vezes, não tenho duvidas a esse respeito... menos na identificação dos logares. Porque verdadeiramente não sou eu quem a faz, mas as testemunhas mais fidedignas. N'isto é que o meu pequeno estudo tem alguma novidade; tambem, se a não tivesse, eu não occuparia a attenção do leitor com um assumpto que, aquelles mesmos que o tratam, ha de parecer muita vez o jogo da cabra cega.

Na prosecução d'este trabalho fui, de diferentes fórmas, tão gentilmente coadjuvado pelas exc.<sup>mas</sup> snr.<sup>as</sup> D. Rachel Lobo de Castro e D. Margarida d'Athayde Pavão e pelos meus amigos os snrs. Gaspar de Bourbon Peixoto, Commendador Luiz José Fernandes, Capitão Alberto da Costa Santos e General Ignacio de Menezes, que não posso deixar de reiterar-lhes publicamente os meus agradecimentos, o que é tambem uma fórma de collocar-me sob a sua protecção.

---

<sup>1</sup> A carta de Cosmas (vi sec. de C.) tem os Ethiopes em cima e os Scythas em baixo. Vid. M. de Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe*, t. II, pag. 35, da 2.<sup>a</sup> ed.

## I

**Do Cão ao Sendom**

Quem pretendesse ir de Guimarães para Amarante pela velha estrada romana, sahiria muito naturalmente, se isto fosse, por exemplo, ainda no seculo XVIII, pela Porta do Postigo, aberta sobre o Campo da Feira. Esta porta era defendida pela Torre da Senhora da Guia, Senhora muito da devoção de todo o bom caminheiro, e torre d'onde, antes de descer para a ponte, podia, lançando a vista para o panno da muralha, que seguia para nordeste, observar a duzentos e tantos passos de distancia a outra celebre torre dos *Cães*, que deu até ao meu tempo de rapaz o seu nome exquisito aos logares contiguos.

Posto a caminho, o viandante entrava logo nos dominios da villa pequena (Villa Pouca) que nos offerece na quinta do Paço o toponymo caracteristico, indicativo da moradia do *dominus* nos tempos immediatos á conquista romana, caracteristico que apparece com frequencia, como é sabido, nas demais villas da região. Ahi, subindo a calçada, chega-se breve ao mosteiro, hoje da Madre de Deus, levantado em 1681 no Campo do *Gallego*.

Estas viagens imaginarias não cançam e são rapidas; mas teem grandes inconvenientes, e, além de todos os outros, para o caso que nos importa agora, o de se desaproveitar as curiosas informações, que a historia foi deixando pelos velhos caminhos frequentados por tantas gerações. Por isso nós vamos já tão depressa passando o rio Vizella. Antes, porém, de o passarmos de todo, vejamos a montante, a cerca de meia legua, nas duas margens, em frente um do outro, dois pegões arruinados, que a hera esconde amorosamente. É ahi a Ponte dos *Cães*. A nova ponte da estrada moderna inutilizou-a, e só conserva o caminho correspondente do lado de Guimarães; do outro a cultura apagou-o.

Entremos agora em Pombeiro, uma das poucas villas do Minho, que conservam o nome romano, *Palumbarium*, que eu suspeito corresponder a um *columbarium* — sepultura e não *columbarium* — pombal. Que o nome foi posto no valle e não no alto do monte de Santa Quiteria, como parece ter pensado

o Padre Joaquim de Moura e outros <sup>1</sup>, prova-o a casa de Pombeirão collocada no sopé do monte de S. Bartholomeu, a pouca distancia do mosteiro. Ahi passava a estrada romana e era á beira das estradas que os romanos usavam collocar a sua ultima jazida. Qual o motivo de a villa conservar o seu nome latino, não sei ao certo; mas não esqueça que Pombeirão parece ter sido desde a implantação do christianismo um grande centro religioso e monastico, apesar da duvida que inspiram os argumentos mais ou menos suspeitos dos antigos chronistas e apesar das condições de vida bem pouco adequadas a um estabelecimento fixo.

Mas não é d'isto que agora se trata. Bastante depois de termos passado os Pontilhões de Villa-Fria, encontramos a casa da *Porta*, nome tambem caracteristico nas villas antigas, collocada n'uma extremidade d'ellas, e quasi sempre, se não sempre, acompanhadas d'uma pequena póvoa de aspecto archaico, aqui agora chamada a Rapozeira. Isto tudo tem talvez uma explicação remontando bem longe; quem sabe se á primitiva organização das villas, se a uma posterior reorganização, anterior á fragmentação moderna? Continuando porém o nosso caminho, passamos em frente do monte de S. Bartholomeu e da capella do santo com a sua fina rosacea. Ahi por perto seguem caminhos escavados no solo pelo rodar dos carros e pelos enxurros, algum dos quaes pôde bem ser trecho d'uma estrada ligurica, ligando os castros pelas encostas, desde e até muito longe, assim como a estrada romana veio depois, calçando os charcos e rompendo as florestas; porque eu creio que ha em todo o percurso, que temos seguido e seguiremos, memorias d'esses primitivos caminhos, testemunhos de que a civilização ligurica era talvez bastante superior á impressão que d'ella recebeu o conquistador romano. D'um certo ponto d'esses caminhos, quem quizer dirigir-se hoje ao mosteiro, descendo a encosta, passará ao Portello dos *Gallegos*, ou, se a sêde o apertar, poderá de preferencia descer mais adeante, para nascente, no entalhe que termina o monte por esse lado, onde corre uma veia d'agua que alimenta a Poça de *Cães*. Poderia tambem depois, para apanhar de novo a estrada, seguir por atalhos que o levariam pelo Campo do *Fundão*, outro nome tão caracteristico este, que até comprehende em si o nome de *duno*.

---

<sup>1</sup> P. A. de Moura, *O Monte Pombeirão de Felgueiras*, pag. 65.

Continuando sempre, passa-se breve á Deveza da Escorva como dizem as Cartas militares do principio do seculo passado, a que hoje o povo chama *As Córvas*, e, não muito depois, chega-se a Varzea. Não se ha de ir, porém, pelo caminho que leva á igreja, e d'ahi a Caramos e Moure, com as suas alpondras, as estrias no alto das ribas, marcando a profundidade a que o eixo dos carros abriu as primeiras feridas no salão duro; mas pela estrada romana, que rapidamente leva a *Cima de Villa*, outro nome caracteristico, este excepcionalmente insignificante hoje, onde uma estreita barroca, que parece, mas não é, um simples atalho carreiro paralelo á estrada, tem o nome de Barroca dos *Gallegos*. Caminha-se já em frente e bem proximo da *Cividade* e seu *Castro* de S. Simão. A barroca dos Gallegos leva á *Cividade*, a estrada romana leva ao *Castro* contiguo, de S. Simão.

D'este castro diz o Padre Carvalho em 1706, fallando do mosteiro de Caramos: « Á vista d'este Convento a pouca distancia, entre o Meyo dia, e Poente, se vem vestigios de fortificação antiga, que se devia fazer para amparar estas terras das correrias dos Mouros. »<sup>1</sup> D'esses vestigios de fortificação não resta nada. O monte não tem sido explorado archeologicamente, mas economicamente sim; a pedra e os penedos teem ido para paredes, socalcos, canos, etc.; mas ainda ha muitos.

O monte é magestoso, bem assente, ficava bem alli um castro. Para nascente tem uma pequena esplanada, formada do norte por um corte de terra a prumo, por onde naturalmente passariam muralhas. Para esse mesmo lado duas leiras, feitas na encosta abrupta, teem o nome de *Ferreiros*. N'um contraforte, que o ampara para noroeste, o pequeno planalto tem o mesmo nome de *Ferreiros*. No fundo, já no valle, Casermos; mas tanto este segundo *Ferreiros*, como Casermos, pertencem já á *Cividade* da Refontoura ou Refonteira, como se dizia no seculo xviii e ainda ha quem diga. É quasi escusado affirmar-se que não ha memoria de ter alli havido officina nenhuma e pôde dizer-se que, nas condições actuaes, se alguém se lembrasse de a lá montar, passaria por desequilibrado, principalmente no primeiro local.

Adiante de Casermos, ergue-se o Côto da *Cividade*, quasi a prumo, um pouco mais baixo que o *Castro*, coroado com uma anta já explorada por vezes pelos pesquisadores de the-

<sup>1</sup> *Corographia Portugueza*, Braga, 1868, vol. I, pag. 108.

souros. Quem procurar no *Le prehistorique*, de Mortillet, encontra lá uma gravura, que é quasi a sua imagem. Bellamente defensavel, mas pequena área plana no alto. No logar do Salvador, na encosta do monte, que se prolonga para poente, appareceu ha annos uma urna de barro fino, que possuo (nada tem de extraordinario) e consta terem apparecido tambem « moedas que alguém disse serem romanas, uma travessa grande, que o proprietario chamava prateleira e quebrou com a picareta, tijolo, etc. » No logar do Leitão, ainda na mesma direcção, appareceram tambem « muitas panellas e cantaros de barro, com muito dinheiro, que não corria ».

Como já disse, o segundo Ferreiros pertencia á Cividade; mas, certamente depois da abertura da estrada romana, rasgaram no monte um travesso que ligou o caminho, que vinha do sul, com a estrada. Este caminho prolongava-se, e ainda hoje se prolonga, por toda a encosta norte do monte de S. Simão, deixando o castro em cima. Uma vez um rapaz, que lá foi, encontrou uma moça muito bonita a estender ouro pelo chão. — Ai, Jesus! — gritou o rapaz surprehendido. — Foi a tua desgraça, respondeu ella, se não gritas: ai, Jesus, todo este ouro podia ser teu.

Do alto do monte vê-se para muito longe. Os *petos* de Caramos podiam vigiar bem d'ahi os *sardões* da Refontoura, sempre desavindos com os *chascos* de Varzea, os *abesoiros* de S. Thomé, os *formigas* de Macieira, os *cães* da Lixa e não sei se os *perros* d'Amarante.

No sopé do monte era a fonte do castro, uma *vasa* exactamente conforme á descripção que d'esses monumentos fez Sarmiento, pag. 178, vol. 1 da *Revista de Guimarães*. No extremo da *quinta*, que ainda se conserva, cuido eu, como a deixou a primeira divisão da villa primitiva, está o campo de *Fundevilla* e, junto a elle, o logarejo de aspecto archaico, chamado a *Porta*. N'um extremo da Cividade tambem o campo do *Marafundão*. Se o primeiro elemento d'este nome póde ser qualquer coisa como o velho-irlandez *machaire*, o nome significaria *Campo do Fundão*.

Na constituição das villas, depois da conquista romana, o castro e a cividade, de que fallamos, deram cada um a sua. O castro estendeu-se para nascente, é a freguezia de Caramos; a Cividade estendeu-se para poente, é a Refontoura. A linha de divisão no monte é arbitraria; em baixo, no valle, o dominio das duas fortalezas foi e é dividido pelo leito do rio Sousa. Do lado do castro, os campos que o marginaam até certo ponto

chamam-se o Sendom. Vem assim escripto nos documentos antigos. Sendom não pôde ser aqui nome de homem; não ha d'esses exemplos em campos. É pois o velho-irlandez *Sean-dum*, velho forte, velho castro. Julgo ser esse realmente o nome do castro á data da conquista romana. O nome veio sendo corrido do alto até parar no limite extremo. E para isso não concorreriam pouco os esconjuros dos catholicos ás lendas diabolicas do castro; mas o melhor foi certamente o baptismo do monte em *S. Simão* que nunca alli teve capella. É verdade... o travesso do caminho velho para a estrada romana chama-se *barroca de Cães* e ao pé do Marafundão ha os campos — *Cães* de cima, *Cães* de baixo, *Cães* pequeno.

Parámos aqui. Os informadores, que inquiri, foram todos unanimes em responder-me, que de Cães não percebiam nada, mas que de Gallegos podiam asseverar que esse nome não significava propriamente um nome de logar, que apenas se queria dizer que aquelles portellos e aquellas barrocas eram uns portellos e umas barrocas por onde os gallegos costumavam passar, quando todos os annos vinham, desde remotissimos tempos, procurar trabalho para sul, para o Douro, ás Beiras, ainda para o Alemtejo. O mesmo que fazem os nossos jornaleiros do Minho central quando, á falta de trabalho remunerador á beira de casa, o vão procurar á Maia, ao Douro, e tambem muito mais longe, no tempo das cavas e das ceifas. Diziam mais que ainda alguns passam pela velha estrada, grupos de doze, de tres ou quatro; mas que, antes de construida a estrada real moderna, e ainda muito tempo depois, vinham elles em bandos de cem e duzentos. Esta preferencia pelos caminhos velhos, ainda mesmo depois de abertas as novas estradas, explicava-se. A casa que dá dormida, onde se faz um comprado, ou se é mal recebido, é notada, marcada, muitas vezes nas proprias paredes, e a noticia passa assim d'uns para outros. D'esta fôrma, para não perder a conveniencia esperada, continuar-se-ia nos caminhos, que o abandono ia inutilizando.

A explicação satisfiz-me... provisoriamente. Nos logares proximos das estradas modernas pôde ser; em outros muito afastados, só levando-se tambem destinos muito diversos dos da mesma estrada. Em todo o caso, fosse essa embora a explicação dos *gallegos*, a ignorancia do que seriam esses *cães*, que parecem ir no encaço dos gallegos, ou *vice-versa* os gallegos atraz d'elles, estimula a curiosidade, e, visto parecer que á aqui por diante não se encontrará senão a repetição do mesmo

facto, retrocedamos ao ponto de partida, onde os dois nomes teem inquestionavelmente, pela determinação e fixidez da sua localisação, a apparencia de factos toponymicos innegaveis.

Estamos pois de novo na Torre dos Cães. Não podendo seguir para outra parte, a não entrarmos na cidade, caminhemos em direcção à Villa de Margaride, a mais proxima para esse lado, villa que já possui mesmo uma bibliographia <sup>1</sup>.

Comecemos na rua moderna, que vem da Costa. Encontramos ahi: Fato, a Carrapatoza, as tres Pupas (Padre Torquato, pag. 320, diz «Burgo da Rapa», mas o Padre Carvalho, da mesma época, diz tambem «Pupa», pag. 49 da 2.<sup>a</sup> ed.). Dobrando o cotovello, estamos nos Trigaes, a Fraga, o Sabugal, Roma, Suros, o Canto, o Sardoal. Os logares com este nome são bastante frequentes. Continuando, encontramos o Campo das Lamellas, Gurpilhães, Lagares. Ha outros Lagares nas visinhanças de villas; ao pé de Pombeiro, por exemplo, fica S. Verissimo de Lagares. Devemos portanto andar por perto da villa. De facto, lá está a *Porta* com o seu logarejo da Azenha, e lá está em cima o *Pé do Cão*. Parece que chegamos.

O que pôde significar o *Pé do Cão*? Na villa (freguezia) de Moure em Felgueiras ha, como por outras partes, uma quinta chamada *Fundevilla*, nome que costuma ser de campo, como na Cividade — Castro de S. Simão, já nossa conhecida. Alli parece que a apropriação, a toda uma quinta, d'um nome especialmente destinado a certos campos e determinados sitios, transtornou o systema toponymico, reconhecendo-se a necessidade de adaptar outros nomes, que lhes correspondessem e os substituíssem, aos logares proprios. É pelo menos o que se vê. Lá está á beira da estrada a povoação das *Portellas*, cujas casas são o resto de maior quantia ainda ha poucas dezenas d'annos demolidas, assim como mais abaixo a casa de *Cabo de Villa* ou *Cauvilla*. E, já que veio a proposito, digamos que isto foi, não obstante conservar-se ainda em outra extremidade, o logar de *Porto do Moure*, nome que pôde talvez concorrer, com outros que appareçam de identica natureza, para se fixar a lei d'estas transformações. Continuemos, porém, na nossa exposição.

---

<sup>1</sup> Sr. José Leite de Vasconcellos — De «Margariti» Villa in territorio Vimaransensi jam in quibusdam Maedi Aevi chartis memorata commentariolum; 1899 — Chartam alteram de Villa quae «Margaride» appellatur; 1894.

Ha portanto *Cabo de Villa* ou *Cauvilla* e *Pé do Cão*, significando evidentemente na nossa lingua moderna *Fim* ou *Extrema de Villa*, *Extrema de Cão*. Em Margaride ha tambem o *Pé do Monte*, fim, base do monte. A mesma significação deve pois attribuir-se a *Fun-de-villa* e *Fun-dão*, *Extrema de Villa*, *Extrema de duno*. Da mesma maneira, sendo, em todos estes nomes, identica a fôrma e a relação dos elementos que os compõem, no termo *Cão* deve conter-se, não só a ideia de *villa*, mas ao mesmo tempo, por uma feliz e talvez rara excepção, o proprio nome da mesma villa. E, de facto, *Cão* é, julgo, a contracção de *Caladuno*, e portanto *Cães* a contracção de *Calenses* ou *Ca(ladu)nensis*, o patronimico latino correspondente ao nome do Duno, feita e vulgarisada n'uma intenção deprimente. Creio não se poder interpretar d'outra maneira.

Caladuno é, porém, um nome de castro conhecido na geographia antiga. Mencionam-o Ptolemeu e o Itinerario chamado de Antonino. É pois indispensavel examinar se a situação, que lhe foi marcada por um e outro, coincide com a que lhe designa a toponymia. Vejamos primeiramente Ptolemeu: Na carta de Mercator, a distancia, que vai de Braga a Caladuno, é de cerca de 43 kilometros. Portanto Ptolemeu parece collocar-o em Amarante. Vejamos o Itinerario: De Braga a Salacia 20 milhas, de Salacia a Presidio 26, de Presidio a Caladuno outras 26; ao todo 72 milhas, que equivalem, approximadamente, a 108 kilometros. Já não admira que uns o puzessem em Montalegre, outros em Mirandella. De facto Caladuno tem passeiado por todo o norte de Portugal.

Todavia estes dados tão disparatados são absolutamente impossiveis em dois auctores, relativamente pouco distanciadados do tempo provavel em que o castro baqueou, e que deviam ir beber as suas noticias na mesma fonte, se não todas, pelo menos as mais modernas. Ha certamente aqui defeitos de interpretação, que é preciso procurar. Procuremos-os.

## II

### De Caladuno a Asturica segundo Ptolemeu

As investigações ácerca d'esta estrada até 1871 foram condemnadas nas seguintes auctorizadas palavras:

«A primeira das quatro estradas de Bracara para Asturica indicadas no Itinerario pôde dizer-se completamente desconhecida: nenhuma das suas estações se pôde determinar com alguma probabilidade. Quanto á sua direcção em geral, ha muito parece assentado que ella devia seguir primeiro por oeste (*sic*) subindo o Douro, voltando depois pelo norte direita a Astorga; por isso que as outras duas estradas caminhavam directamente no sentido de noroeste e nordeste. Conhecem-se poucas lapides milliaris que seja provavel haverem pertencido a esta estrada: duas identicas de Trajano sem numero de milhas, e talvez uma de Claudio com o numero xxxv<sup>1</sup>. Quem tem examinado o paiz com as suas serras e valles, e reconhecido as mil direcções que a estrada podia seguir, não pôde deixar de considerar uma puerilidade o computarem-se ao acaso as distancias sobre uma carta, ou applicar os nomes antigos das estações aos logares modernos (talvez muito apropriados) ou aos sitios onde por varias vezes se tem encontrado lapides com inscripções.» De 1871 para cá só conheço um estudo publicado por Fernandes Guerra em 1888 e outro de Henrique Pinheiro em 1896, a cujos resultados me parece faltar uma base segura.

Transcrevi toda essa passagem de Hübner, porque quero desde já prevenir o leitor de que não é por fórma nenhuma meu intento correr montes e valles por toda a provincia de Traz-os-Montes, á procura de uma estrada, que ninguem sabe ainda por onde vae, se sobe o Douro, se vae de Salamonde a Chaves, se vae de Villa Real para Mirandella. Spruner leva-a mesmo pela Beira. Por isso tudo me parece tambem grandemente injusta a condemnação do illustre sabio aos unicos processos com os quaes, n'esta ordem de estudos, se tem conseguido saber o que se sabe. Monumentos de qualquer natureza, livros e nomes, que tambem são monumentos, distancias e boa vontade é a unica ferragem d'esta especie de cabouqueiros. Só depois de levantadas as balisas é que pôde procurar-se a linha que as une. Então alguém poderá de estação em estação ir estudal-a *in loco*. Pela minha parte, fiz o que pude com os elementos de que dispuz; mas posso desde já affirmar ao leitor, que, aqui como em quasi tudo, o *pro-*

---

<sup>1</sup> Mur., 2007, I, de Argote, II, 602. Claudius. Cesar || Aug. Germanicus || Pont. Max. Imp. || V cos. III. Trit. || Pot. III. P. P. Brac. || Aug. xxxv.

*cura e acharis* é certo. O meu fim foi conhecer o pensamento intimo, a intenção de Ptolemeu e do Itinerario n'esta pequena questão especial. Julgo ter conseguido percebê-los.

Como é sabido, mas não é inutil recordal-o, Ptolemeu escreveu a sua *Geographia* na primeira metade do seculo II de Christo, tomando por base os trabalhos de Marino de Tyro, o qual se utilisava tambem de materiaes reunidos pelos seus compatriotas. Foi depois, parece, no seculo III ou IV, que em Roma se mandou fazer a coordenação geral dos Itinerarios de todo o imperio com a medição de todas as estradas. Vieram depois as invasões dos povos do norte, todas as revoluções sociaes e politicas, que se exprimem com o nome mais que bastante de Idade Media, o obscurantismo geral no meio de geral desordem, em que se produziu a reconstituição da sociedade. Guttenberg é do seculo XV. Foi só depois que os bons livros antigos foram procurados, estudados e publicados. Bem ou mal copiados, bem ou mal comprehendidos, vieram os restauradores. Os dois livros de que nos occupamos, além de tudo o mais, foram restaurados um pelo outro. Nomes do Itinerario, que Ptolemeu não tinha, passaram para lá, outros mudaram de sitio, estações ha que mudaram de numero de ordem. O leitor vai encontrar de tudo n'este pequeno trecho das duas obras.

Quem se mette a estudar o mais pequeno ponto da nossa historia ou *geographia* antiga já deve ir certo que é d'um cahos que ha de retirar a verdade quando a encontre. A Hispanha todas as desgraças succederam. Da Tabua de Peutinger perdeu-se a Hispanha toda, da Historia de Tito Livio perdeu-se a Hispanha na parte mais interessante, etc. Parece, porém, que uma pequena excepção se abre n'esta serie de desastres, quanto á pequena área que nos interessa na *Geographia* de Ptolemeu.

Tenho diante de mim a edição de Amsterdam, de 1605, com cartas de Mercator. No local, onde este artigo é escripto, não me é facil examinar a de Müller e, para o que pretendo, não me parece isso indispensavel. Olha-se pois para a carta da Hispanha de Mercator e sente-se um grande desanimo. A Hispanha de Mercator tem mais dois graus de latitude do que n'uma carta moderna, nada menos. A minha carta moderna é o Hand-Atlas de Stieler, pequena mas sufficiente, com algum auxilio, raras vezes pedido, á nossa Carta Corographica. A cidade de Braga apparece-nos nas margens do Minius, Tuy nas cabeceiras do Neiva. A provincia do Minho, que faz parte

da região, que vamos examinar, apresenta os rios todos na sua ordem, com excepção do Cávado, que desapareceu. Porquê? É de notar que esse rio divide exactamente a provincia em duas metades sensivelmente eguaes. Pois desapareceu.

E, mais notavel ainda, Bracara e Caladuno apparecem-nos entre o Minius e o Limius, quando a sua situação exacta todos sabem que é entre Cávado e Douro, para não fallarmos no Vizella, isto quanto a Bracara, e, quanto a Caladuno egualmente, acceitando a primeira impressão que nos deixa a carta. É-se portanto levado a suppôr que a dita região fôra dividida para estudo em duas metades pelo Cávado, se não que Ptolemeu ou o seu restaurador teve informações sobre as duas metades de diversa proveniencia, e que, ao organizar o seu trabalho, as cidades da metade do sul passaram para a metade do norte e não sei se as do norte passariam para a metade do sul. Foi provavelmente n'essa troca que se perdeu o Cávado, se a hypothese é verdadeira. Mas porque motivos se deu a troca? Quaes eram as proveniencias das diversas informações? Que continham ellas? Talvez consigamos suspeital-o.

Tem pois a Hespanha de Ptolemeu mais dois graus de latitude do que a Hespanha real. As duas metades, em que parece foi dividida a moderna provincia do Minho, para o fim que sabemos, apresentam o mesmo desconchavo. A metade entre Cávado e Douro tem em Mercator uma área approximadamente igual á que teria n'uma carta moderna feita na mesma escala; a outra metade, caso raro! apresenta mais do dobro. É o caso da parte maior que o todo. O peor é que tudo isto faz receiar que, para a identificação dos logares, se por acaso encontramos a chave do enigma para uma das metades, ella de nada servirá provavelmente para a outra. Essa chave, para a região entre Minius e Limius, no nosso caso Cávado e Douro, felizmente aquelle que agora nos interessa, toda a gente a sabe. Todas as cidades, que a povoam e pertencem a essa velha e mysteriosa estrada, de que nos occupamos, com as suas distancias percorridas por innumeraveis caminheiros, mas sem marcões imperiaes nem outros monumentos, estão no seu logar. As medidas estão certas. E pouco mais do que isto: dois nomes.

O leitor comprehende que, julgando eu definitivo como julgo, embora me engane, a solução que lhe apresento, tenho todo o interesse em que verifique as minhas medidas. Por isso transcrevo para aqui as tabellas de que me servi para fazer

eu mesmo essas e outras medições ao mesmo tempo. Facilito-lhe assim o trabalho, posto as podesse mandar fazer por um estudante de primeiras letras. São as seguintes.

Distancias :

De Bracara a Caladuno . . . . .	23'
De Caladuno a Pinetus. . . . .	51'
De Pinetus a Complutica. . . . .	36'
De Complutica a Petavonium. . . . .	56'
De Petavonium a Asturica . . . . .	19'
De Petavonium a Argenteola. . . . .	15'
De Argenteola a Asturica . . . . .	16'
De Pinetus a Forum Bibalorum. . . . .	18'
De Forum Bibalorum a Caladuno . . . . .	40'
De Forum Bibalorum a Aquae Leae. . . . .	35'
De Aquae Leae a Caladuno. . . . .	27'

Correspondencia metrica do minuto :

1 — 1850	21 — 38850	41 — 75850
2 — 3700	22 — 40700	42 — 77700
3 — 5550	23 — 42550	43 — 79550
4 — 7400	24 — 44400	44 — 81400
5 — 9250	25 — 46250	45 — 83250
6 — 11100	26 — 48100	46 — 85100
7 — 12950	27 — 49950	47 — 86950
8 — 14800	28 — 51800	48 — 88800
9 — 16650	29 — 53650	49 — 90650
10 — 18500	30 — 55500	50 — 92500
11 — 20350	31 — 57350	51 — 94350
12 — 22200	32 — 59200	52 — 96200
13 — 24050	33 — 61050	53 — 98050
14 — 25900	34 — 62900	54 — 99900
15 — 27750	35 — 64750	55 — 101750
16 — 29600	36 — 66600	56 — 103600
17 — 31450	37 — 68450	57 — 105450
18 — 33300	38 — 70300	58 — 107300
19 — 35150	39 — 72150	59 — 109150
20 — 37000	40 — 74000	60 — 111000

A differença de 307 metros no grau (111370, *Stieler*.) correspondente a 5 metros e picolo no minuto, não é apreciavel nas nossas cartas. Devo tambem prevenir de que, nas medidas da carta de Mercator, me permitti uma tolerancia igual á somma de dois diametros dos pequenos circulos com que Mercator designa as cidades. Essa tolerancia pôde ir de

0 a 12 kilometros, conforme a medida é tirada das extremidades mais proximas ou das mais afastadas.

Vejamos agora as estações da estrada tanto em Ptolemeu como no Itinerario. Pelo mesmo motivo já apontado, a edição do Itinerario, de que me sirvo, é a de Wesseling, Amstelædam, 1735. Tenho mais as *Noticias archeologicas de Portugal*, de Hübner, a que a A. R. das S. accrescentou em appendice o Iter, de que tratamos, segundo a edição de Parthey et Pinder, Berlim, 1848.

Itinerario	Ptolemeu
Salacia.	
Presidio.	
Caladuno.	Caladunum.
Ad Aquas.	
Pinetum	Pinetus.
Roboretum.	
Completica.	Complutica.
Veniatia.	
Petavonium.	Petavonium.
Argentiolum.	Argenteola.
Asturica.	Asturica.

Já a simples inspecção das duas listas nos diz alguma coisa. Ptolemeu dá-nos os nomes dos castros por ao pé dos quaes passava a estrada, o Itinerario o de simples estações de descanso, a Geographia é historia antiga, é o passado; o Itinerario historia moderna: *Pinetus*, n'um pinheiral; *Roboretum*, n'um carvalhal; *Ad Aquas*, onde ha umas aguas medicinaes. *Pinetus*, vai já o leitor vêr que não é de Ptolemeu. Como pois o velho geographo nos dá o esqueleto da estrada, deixe-se-me assim dizer, as principaes balisas d'ella, e isso é o mais importante, se não tudo, para simplificarmos o nosso trabalho, estudaremos primeiramente a estrada em Ptolemeu.

Já vimos que na Geographia se accusa de Bracara a Caladuno 23' ou 24' de distancia, portanto cêrca de 44 kilometros, o que leva Caladuno a Amarante. Não é seguramente o que se esperava; mas não tenhamos pressa, vejamos a estação immediata, *Pinetus*. Aonde ficava Pinetus? Pinetus é um pinheiral, podia estar em toda a parte, mas, por causa da estação de Roboretum no Itinerario, Robledo, quasi todos os commentadores o procuram para Vinhaes ou mais para norte. Em vão se bate o terreno á procura d'um nome, que possa ao menos parecer o seu representante moderno. Outros mo-

numentos não ha. Afinal é Wasseling que nos vai dizer o que está por baixo d'elle.

N'uma nota a Petavonium diz elle: «In Notitia Scotti Provinciarum, in provincia Hispania Callecia, tribunus cohortis II, Flavia Pocotiana *Paetaonio* recensetur: et in exemplari Cœnobii Aulae Dei vetusto *Petonio* legitur».

É Petavonium com a queda do *v* medial. Ora, perto da estrada, que de Vinhaes vai para Chaves, ha o logar de *Pedonho*, que é o seu representante moderno em tudo. Pertence Pedonho á freguezia de Lebução, do concelho de Valpassos. Este logar não se encontra em parte nenhuma senão no *Dictionario de Geographia universal* de Tito de Carvalho. Na *Carta Corographica de Portugal* vem PEDOMÉ e PEDOME, se leio bem; na *Carta itineraria do Estado Maior* vem PEDANE na estrada. Estes nomes não veem nos Dictionarios. São provavelmente erro de leitura. A mesma Lebução, aparte as cartas grandes, vem na Carta militar de 1808; apparece ainda em 1831 n'uma carta franceza mediana de Pierre Tardieu; mas depois não a torno a encontrar. Como, porém, Lebução, fica quasi no meridiano e apenas a 2 kilometros a norte de Fiães, que vem na carta de Folque e na de Stieler, que a copia, sirvo-me de Fiães para as medições.

A distancia, que vai de Caladuno a Pinetus, segundo a carta de Mercator, é de 51', o que equivale a 94 ou 95 kilometros. É *exactamente* a distancia, que vai, n'uma carta moderna, de Guimarães a Fiães. Isto já satisfaz. Mas não é sufficiente para acreditar, quer a correcção de Pinetus, quer mesmo as medidas de Ptolemeu. Prosigamos.

De Pinetus a Complutica conta o geographo 36 minutos, ou seja, 66 a 67 kilometros. Esta medida falha; faltam meia duzia de kilometros para Robledo. Não é de Ptolemeu, foi importada. Em todo o caso vê-se que quem quer que fosse quiz fixar Complutica onde nas nossas cartas modernas está Robledo, o *Roboretum* do Itinerario. Eu mesmo entrelembro-me de que já vi algures essa identificação. Dêmol-a pois por bem feita por um instante. De Complutica e Petavonium, diz Mercator, vão 56', isto é, 103 ou 104 kilometros. Como, porém, n'isto de medidas, tanto vale principiar por uma extremidade como por outra, e nós já sabemos que Petavonium nos ficou atraz, voltemos lá e punhamos uma ponta do compasso em Pedonho. A outra bate exactamente em *Castrocontrigo*.

Isto agora sim. Mas ainda nós não acabamos. Para que

nenhum dos pontos fixados n'esta inesperada restauração possa desviar-se um apice para qualquer dos lados, vamos já direitinhos ao fim, pondo de lado Argenteola, que, por ser de determinação incerta, apenas podia embaraçar-nos.

De Petavonium a Asturica 19', digamos, 35 kil. Lá está Astorga sob a ponta do compasso. Não ha pois duvida nenhuma. Esta cadeia não se desaggrega. Mas se o leitor tem pena de não acabarmos com Argenteola, veja o que diz o proprio Mercator:

«Argenteola Asturiam *perperam* apud omnes lat. habet 44  $\frac{1}{2}$   $\frac{1}{4}$  ego uno gradu minorem posui, sic enim ordo post Lucum, Asturum, Laberrim, et Interamnium postulat, et Antonini ex Bræcara Asturicam iter requirit.» O leitor vê pois que tive razão em não me importar com essa estação. Não foi Ptolemeu que lá a poz, foi Mercator, ou Montano, e a nós o que interessa é só o que podia fazer Ptolemeu.

Temos pois que o Iter está perfeitamente delineado em Ptolemeu, as suas estações principaes, as antigas, perfeitamente fixadas, e que até, para que não reste a menor duvida, todas as medidas foram confirmadas por outra, inconscientemente feita e conservada, que é ao mesmo tempo a prova provada da verdade e a demonstração ingenua das difficuldades em que se encontrou o restaurador. De facto, Pinetus não estava em Ptolemeu, foi levada para lá do Itinerario de Antonino, assim como a medida, só a medida, de Reboretum, onde poz Complutica por não ter outra parte onde a metter, desde que desconhecendo que Petavonium lhe ficava atraz, teve de dar dois nomes ás duas medidas. Complutica deve pois substituir Petavonium na Carta, com a unica differença de dever ser approximada de Pinetus, tanto quanto Robledo se distancia de Pedonho. Pinetus occupa o logar de Petavonium. Veremos mais adiante se descobrimos onde os romanos tinham posto esse nome e como elle apparece onde agora se vê.

Á vista dos resultados, não me parece pois que seja uma puerilidade procurar nomes. Caladunum foi Cão, Petavonium é Pedonho, Completica é Contriga, Castrocontrigo. É quanto basta dizer.

## III

**O «Iter a Bracara Asturicam  
M.P.CCXLII»**

Reproduzamos a descripção do Itinerario, acompanhando-a com as variantes dos nomes e das milhas para facilitar ao leitor o seu exame :

Salacia, Salatia, Salanae . . . . .	M.P.XX
Praesidio, Presidio . . . . .	XXVI
Caladuno . . . . .	XXVI, XVI
Ad Aquas . . . . .	XVII
Pinetum, Penitum, Pineto. . . . .	XXVIII, XX
Roboretum . . . . .	XXXVI, XXXIII
Completica, Complutica, Completica, Compleutica . . . . .	XXXIV, XXIX
Venatia, Veniattia, Vernatia, Venianae	XXV, XVIII, XVI
Petavonium, Petavonum . . . . .	XXV
Argentiolum, Argentiolum. . . . .	XXVIII
Asturica . . . . .	XV
	XXIV, XIV

Já nas primeiras estações do Iter se encontra alguma coisa que chama a nossa attenção. São essas duas estações de Presidio e Caladuno com a mesma cota milliaria. O facto é certamente vulgar no Itinerario; mas, quanto a Presidio, observa-se o seguinte :

No Itinerario da Corsega — A Mariana Palas = M.P.CXXV — verá o leitor as duas estações immediatas assim cotadas :

Praesidio . . . . .	M.P.XXX
Portu Favonio . . . . .	XXX

Não ha variantes n'estes numeros.

Outro Presidio apparece no — Item alio itinere a Bracara Asturicum — M.P.CCXLII — Aqui a cota é diferente :

Praesidio . . . . .	M.P.VIII
Nemetobriga . . . . .	XIII

A cota de Praesidio apresenta as seguintes variantes: VIII, XVIII, XVIII; Nemetobriga não tem nenhuma. Será inadmissivel a hypothese de que n'uma cota tão pouco nitida, que deu causa a nada menos de tres variantes, duas com X, pudesse

ser tomado um X por um V, que é a metade superior da mesma letra? Não insisto na observação; mas a desconfiança fica.

O ultimo Praesidio que traz o Itinerario é o do — Iter ab ostis fluminis Anae Emeritam usque — M.P.CCCXIII. — As duas estações apresentam-se por esta fôrma:

Praesidio . . . . .	M.P.XXIII
Ad Rubras. . . . .	XXVII

Praesidio tem as seguintes variantes: XXII, XXIII, XXXI, XXXIII e XXXIV; Ad Rubras não tem nenhuma. Se do primeiro I da cota de Praesidio fizermos um V, para o que basta suppôr na relação original uma haste apagada, teríamos as duas estações com cota egual.

Resumindo, temos dois Praesidios com cota milliaria egual á da estação immediata, e outros dois com ella differente, mas differença de tal ordem, que uma simples haste a mais e duas prolongadas annullam. O problema merece que se insista n'elle.

Se ao leitor lhe resta alguma paciencia, queira abrir um atlas antigo; o que eu tenho é o de Spruner, 1865. Carta XXI. Estamos na Corsega. A estrada de que se trata — A Mariana Palas — é uma estrada litoral; vem de norte a sul n'uma linha recta por assim dizer. A primeira estação depois de Mariana é Aleria, que vem cotada em XL milhas. Feitas as correcções aconselhadas pelo general Creuly<sup>1</sup>, collocada uma ponta do compasso em Mariana, a outra cae em Aleria. Não façamos caso da estação de Praesidio. Passemos á 3.<sup>a</sup>, dizendo: De Aleria a Portu Favonio XXX. Apontando a primeira haste no logar proprio, a segunda cae inflexivelmente em Portu Favonio; e, fazendo o mesmo á estação immediata, lá está o compasso sobre Palas. Onde está aqui o logar para as XXX milhas de Praesidio? Spruner colloca-o em *Syracusan. port.*, compromettendo a ultima secção da estrada, dividindo-a ao meio; mas adiante de Praesidio põe um ponto de interrogação, re-

<sup>1</sup> A milha tem 1481 metros. O general Crenly estabelece a regra seguinte: « dans un pays coupé par des montagnes, des rivières, des maréages ou des bois, les chiffres des Itinéraires doivent être multipliés, avant d'être portés sur le carte, par un coefficient variant entre  $\frac{4}{5}$  et  $\frac{5}{6}$ . » (Paul Bial, *Chemins, habitations et oppidum de la Gaule*, pag. 261.)

conhecendo assim não saber o que lhe havia de fazer. Não dirá o leitor commigo, que o que ha a fazer é pol-o junto com Portu Favonio? Praesidio no Itinerario era uma informação militar ou burocratica; é para nós uma indicação historica, mas não topographica. Este caso é typico, porque é insophismavel. Continuemos todavia.

Cheguemos agora á Andaluzia, carta de Spruner, n.º XVII. — *Iter ab ostis fluminis Anae Emeritam usque.* — Trata-se apenas das tres primeiras estações: Praesidio XXIII, Ad Rubras XXVII, Onoba XXVIII. As outras seguem todas um traçado racional até Merida. Mas as duas primeiras! A estrada sae da foz do Ana para Onoba, isto é, do Guadiana para Huelva ou coisa proxima, portanto a direito pelo litoral e é exacta a distancia. Pois, logo á sabida, engana-se, e, em vez de seguir esse litoral marítimo, põe-se a subir o rio até um ponto, que Spruner marca Praesidio, segue por terra ainda mais para o norte, até *Cabezas Rubias*, cuido eu, onde poria *Ad Rubras*, para depois vir de carreira directamente para sul, por outra estrada, até Onoba, e assim, precisando d'andar 28 milhas, andou 78! Aqui todavia o caso é bem mais complicado do que na Corsega; porque, se Spruner respeitou de mais o Itinerario, tomando-o á letra, o leitor, disperta a sua suspeita sobre a interpretação exacta de alguns modos de dizer do Itinerario, pôde ser naturalmente arrastado a suppôr, que não só tenha de supprimir uma estação, mas duas, Praesidio e Ad Rubras, o que afinal me parece ao mesmo tempo exacto e não exacto. Eu explico-me.

Não é por gosto que enxerto aqui uma digressão; mas, encontrando no caminho um problema, sem cuja solução se não pôde dar um passo, temos necessariamente de defrontar-nos com ella, pelo menos o bastante para o conhecer. É o que nos acontece com a estação designada Ad Rubras e nos haveria de acontecer mais tarde com outra de identica designação no *Iter* que estudamos.

O Itinerario tem duas fórmãs de designar as estações: uma pondo os nomes em dativo, é o maior numero; outra, precedendo-os da preposição Ad. Que quer isso dizer?

É certo que o Itinerario foi constituído com informações de diversa proveniencia; mas a informação de cada região sobre si teve naturalmente uma origem unica. Houve depois quem coordenasse essas informações, auxiliando-se dos tratados geographicos do tempo, assim como foi exacto *vice-versa*. Porque foi que nem o informador primitivo, naturalmente e

quasi sempre empregado superior das chancellarias, nem o coordenador de toda a obra, naturalmente homem de conhecimentos geographicos e illustração superior, porque foi que nenhum dos dois, pelo menos, uniformisou a maneira de exprimir do documento? Certamente ligava-se uma ideia especial a essa designação especial. Qual era ella?

Quem examinar com algum cuidado esses nomes excepcionalmente designados, nota logo que elles são todos da lingua latina, a lingua do mundo official e militar, facilmente intelligiveis. Não apparece entre elles nenhum de lingua estranha, das linguas pre-romanas. Teem todos mesmo um certo ar de frescura, como indicativos de coisa nova. Dir-se-ia ao lêl-os estar assistindo ao processo de imposição de nomes novos a logares novos, que apenas principiam a ser notados; mais uma indicação, um signal de factos recentes do que nomes consagrados pelo uso: Ad Aquas, onde ha umas aguas; Ad Lippos, onde uma gente doente dos olhos; Ad Rubras, umas pedras vermelhas; Ad Sorores, umas certas irmans, etc. Tambem na estrada velha de Guimarães a Braga ha um logar chamado Os Quatro Irmãos. Deve-se pois suppôr que sejam interpollações modernas em itinerarios dos primeiros tempos da conquista. Mas ainda assim isto não explica a differença na fórma de designação.

O Itinerario vem *medindo* normalmente as diversas distancias de povoação a povoação. D'onde a onde, porém, interrompe-se para designar um d'esses logares novos por uma fórma especial. A preposição aqui parece pedir um verbo de *movimento*. Seria então como se dissesse: Se todavia d'esta estação se quizer ir ao ponto X, abandonando a estrada, que vamos medindo, andar-se-ha tantas milhas. Isto assim, ficaria sem duvida explicada e reconhecida a necessidade de um signal, que prevenisse o leitor da divergencia do logar, situado fóra do caminho descripto. O logar novo poderia tambem estar na mesma estrada medida, mas, n'esse caso, a sua cota miliaria seria inferior á da estação seguinte e não deverá talvez ser integrada no total. Bem sei que ha muitos factos apparentemente contrariós a isto, e que o Itinerario inclue nos seus totaes não só as estações designadas com Ad, mas tambem os Praesidios. A isso, porém, tenho a dizer que os totaes são relativamente modernos, que os Itinerarios foram pelo andar do tempo omnimodamente adulterados, e que, na conjunctura em que esses totaes poderam ser contados, já ha muito se teria perdido a comprehensão d'esses factos antigos, já se es-

taria então a esse respeito na mesma ignorancia em que nós nos vemos.

Será esta a solução do problema? Não sei, posto me pareça não andar por longe; mas, para ter a certeza, seria necessario conhecer a fundo os Itinerarios e a sua correspondencia actual no terreno, e, a esse respeito, eu sei muito pouco. Chegados portanto a este ponto, nada mais tenho a fazer do que, prevenindo o leitor da hypothese que adopto, fechar o parenthesis e reatar as considerações em que iamos.

Agora já o leitor percebe porque, no — *Iter ab ostis fluminis Anaë Emeritam usque* — eu disse, que as duas primeiras estações de Praesidio e Ad Rubras deveriam talvez ser e não ser supprimidas. Essas estações, parece-me, não podem ser consideradas como estações da estrada, mas apenas como logares situados n'uma linha divergente. Quem estivesse na foz do Ana tinha estrada direita para Merida; mas, se quizesse ir Ad Rubras, tinha tambem caminho pela margem do rio, supponho. Spruner colloca o seu Praesidio nas alturas de Alcoutim. Alcoutim é o *Cotinae* de Strabão com o artigo arabe. *Cotinae* era um grande centro mineiro e bastava isso para ser necessaria a existencia n'esse ponto d'um *praesidio* militar; mas n'esse caso o *praesidio* não pertencia *Ad Rubras* mas a outra povoação não citada no Itinerario, porque estava fóra da estrada, até mesmo com o rio de permeio. Eis-aqui um caso excepcional, que demanda attenção em investigações futuras. D'ahi a estrada seguiria a Cabézas Rubias (*Ad Rubras*), se é que ao pé do mesmo *praesidio* não houvesse tambem outro logar de designação analoga, o que podia muito bem acontecer nas visinhanças de minas de cobre. Em todo o caso, o viandante, que fosse *Ad Rubras*, para seguir para Onoba *pela estrada militar*, tinha de voltar ao ponto de partida, se não quizesse ir por caminhos invios.

Assim me parece, que se concilia o que vamos vendo, a respeito de *Praesidios* e de estações com *Ad*, e a distancia a que realmente está a foz do Ana da cidade de Onoba.

Falta-nos considerar o ultimo dos quatro casos em que entra *Praesidio* no Itinerario: « *Item alio itinere a Bracara Asturicam — M.P.CCXII* ». Este é para mim presentemente o mais obscuro, porque ignoro a correspondencia exacta das estações anteriores e posteriores. Apesar d'isso, não deixemos de notar como Spruner entendeu esta estrada.

Partindo de Astorga para Braga e chegando a *Interamnium*, a estrada bifurca-se; um ramal sobe para Nemetobriga e Lugo,

o segundo desce para Forum e vai entroncar-se em outra estrada, que de Braga sobe para Tude. No Itinerario as estações d'uma e outra pertencem ao mesmo traçado, fazendo assim Spruner duas estradas de uma só. Pois, apesar de ficar assim com tanta largueza, Spruner arranja de fórma que Nemetobriga não pertence a nenhum dos ramaes e que, a respeito de Praesidio, não sabendo onde collocar-o, não o colloca em parte nenhuma.

O leitor a estas horas, cuido eu, já estará convencido de que fez bem. Ahi o Praesidio era provavelmente em Nemetobriga ou perto. O que era pois, á vista dos casos que acabamos de estudar, na realidade e no Itinerario um Praesidio? O Praesidio era apenas uma guarnição militar, a sua pousada, posta ao flanco d'um castro mais inquieto, n'um local de mais passagem ou agglomeração de gente turbulenta, onde mais se fazia sentir a necessidade de força publica. No Itinerario, Praesidio é pois quasi sempre um *sosia* da estação immediata, com a mesma cota milliaria; é uma noticia, uma indicação, que os contemporaneos comprehendiam, mas não comprehendeu o restaurador do Itinerario; cuja cota não era para juntar-se n'uma somma determinando a extensão total da estrada. Para ser contado como estação independente, só quando se desse o caso, como pôde ter-se dado nas margens do Ana, d'elle estar na estrada e não o estar a povoação, que vigiava, ou quando, pelo andar do tempo, tendo-se extincto essa povoação, outra se levantasse no proprio sitio do Praesidio, como poderá ter acontecido no Peso da Regua. Praesidio, na maior parte dos casos, é pois um *praesidio* com *p* pequeno.

Assente este ponto, o Itinerario deveria ser reduzido, no caso que particularmente nos interessa e no nosso modo de dizer moderno, ás seguintes estações:

Salacia . . . . .	M.P.XX
Praesidio e Caladuno . . . . .	XXVI

Assalta-nos, porém, aqui outra difficuldade. Nós sabemos pela toponymia e por Ptolemeu que Caladuno foi em Guimarães. O Itinerario dizia outra coisa? Elle estabelece que Salacia ficava a xx milhas de Braga, o que corresponde approximadamente a 30 kilometros. Passa assim muito além de Guimarães. E deve passar. Nas notas a Caladuno diz Pedro Waseling:

«In Bland. et Longol *Caladuno* M.P.XXVI et in Neopol,

et in libris Hieron. Pauli CALADUNO M.P.XVI — XVI P. Cusani cum schedis Vaticanis praeferunt.»

Ora esta cota milliaris, a 16 milhas de Braga, que correspondem a cerca de 20 kilometros, ficando a milha a 1250 metros, muito approximadamente á opinião do General de Creuly, é perfeitamente admissivel e certa. A ordem das estações está invertida. A primeira estação depois de Braga é Caladuno e o seu Presidio, depois Salacia. Muito brevemente encontraremos a prova d'isto e eu não me esquecerei de chamar para o caso a attenção do leitor, que por acaso me tenha acompanhado até aqui.

Ha perto de Guimarães o logar (freguezia de S. Romão) de Mesãozinho, exactamente onde a estrada, que vem de Braga, completa os seus 20 kilometros. Era aqui a primeira estação no tempo dos romanos, *Mansione frigida*, d'outra estrada que ia de Braga para o Douro e coincidia com esta até Amarante. Não será a unica Mansione que encontremos. É pois aqui onde devemos assentar a 1.<sup>a</sup> estação da nossa estrada, d'esta fórma:

I — Mansio (Presidio + Caladuno) = Mesãozinho (de S. Romão) — (Arcella e Cão) — M.P.XVI.

O viandante, que viesse dos lados de Astorga e chegasse a esta *Mansione*, olhando sempre em frente pelo valle adiante até onde agora é Guimarães, tinha á sua esquerda o magestoso monte da Penha, coroado com as fortificações de Caladuno, o Cão, e á sua direita o *presidio* encarregado de vigial-o, a *Arcella*. É na verdade suggestivo. Parece estar-se vendo o que se passou alli, no alto d'aquelles montes, ha dois mil annos.

II — Salacia = Covello (Amarante) M.P.XX. A 25 kilometros de Guimarães, diz o *Portugal antigo e moderno*. Portanto fica a milha a 1250 metros. A estação era naturalmente á margem esquerda do rio, onde agora é a rua do Covello. Ha ahí a Albergaria de D. Mafalda, dos principios da monarchia. Uma albergaria documenta uma estrada muito seguida e uma estrada muito seguida dos principios da monarchia documenta uma estrada romana.

III — Ad Aquas = Molledo — M.P.XVIII. Sendo a distancia em kilometros de 29, a milha tem aqui a média de 1.600 metros; as milhas são poucas. Devo, porém, prevenir o leitor de que, pelo menos de Salacia por diante, o Itinerario não pôde ter auctoridade nenhuma nas suas cotas milliaris. Vê-se-ha logo porquê. Continuo a tirar as médias unicamente

para satisfazer a curiosidade de quem lê, se por acaso a tiver.

Aqui temos nós uma estação *d'Ad* perfeitamente caracterizada. O Itinerario vem, ou suppõe-se vir, medindo as distancias de estação a estação; mas, chegado a Salacia, diz-nos:

— Nós vamos seguir já para diante, para Pinetum; mas, se alguém quizer ir *ad aquas*, tem de andar, supponhamos, 18 milhas.

Esta estação do Itinerario vem tambem em Ptolemeu. São ahí as *Aquae Laeae*. De Aquae Laeae a Caladuno conta elle 27', isto é, cerca de 50 kilometros. O ponteiro cae em Penajoia. Ha outra medida, que talvez auxilie esta, mas não tão exacta.

O primeiro assento d'esta estação foi em Molledo, me parece. Veremos depois as voltas que levou. Ha ahí tambem um Presidio (Peso da Regua), houve um castro importante, Cidadelhe, uma passagem muito frequentada do rio Douro, era ahí tambem a segunda estação, a segunda *Mansione frigida* (Mesão frio) d'outra estrada que dava passagem para a Lusitania.

IV — Pinetum = Pinhão — M.P.XXVIII. Prefiro essa cota, unica aceitavel para aqui, mesmo porque por acaso pôde ser a propria. Sendo a distancia de 40 kilometros, a milha sae a 1379 metros. Em Traz-os-Montes a milha abrange mais terreno, parecendo dever abranger menos. Questão de estatura? <sup>1</sup>

O que é Pinetum? Pinetum é um pinheiral. A toponymia diz-nos que no tempo da conquista romana a provincia de Traz-os-Montes era coberta de grandes bosques em que predominavam os pinheiros e os carvalhos, *pineta* e *roboreta*. Os dictionarios etymologicos, que consultei, derivam *pinhão* (amendoa) de *pineae*. Não me compete nem necessito pôr duvidas; mas supponho que Pinhão (nome de lugar) provém do Pinetum. A queda do *t* medial é muito rara e quasi todos os casos conhecidos em circumstancias, que aqui se não dão; mas basta haver um caso, que sirva, para se poder admittir a possibilidade de segundo, creio eu.

O nome moderno *Pinhão* representará pois o antigo Pinetum. O pinheiral deu o seu nome ao rio; mas não só ao rio, deu-o tambem a tres ou quatro povoações estabelecidas na região que occupava. Em todos os ensaios, que tentei, ao

<sup>1</sup> Hypothese de Quicherat.

estudar a solução d'este velho problema de geographia historica, encontrei sempre o Pinetum no Pinhão. Colloquei-o na Torre por estar na estrada.

É agora a occasião de vêrmos por que fôrma o restaurador foi levado a alterar a relação primitiva das estações d'esta estrada. O leitor apreciará a naturalidade com que todos os obstaculos se vencem, o que parece ser uma condição da verdade, e ao mesmo tempo encontrará o fundamento da transferencia de posição de Caladuno, de primeira para segunda estação de estrada. Emquanto a nós nos bastam tres estações para organizar o estudo, elle vai precisar de cinco.

A ordem das estações na relação primitiva devia ser a seguinte:

I — Presidio + Caladuno, *ao pé d'uma Mansione frigida*, XVI cada.

II — Salacia, XX.

III — Ad Aquas, XVIII.

IV — Pinetum, XX.

Elle formou, porém, duas convicções, a que sujeitou tudo o mais:

1.<sup>a</sup> que Presidio fôra em Peso da Regua,

2.<sup>a</sup> que Ad Aquas era Chaves.

Que Presidio era em Peso da Regua não podia elle duvidar, que lá estava ao pé, já florescente, a *Mansione frigida* (Mesãofrio do Douro) e elle *não conhecia outra*;

Que Ad Aquas era Chaves (Aguas Flavias) tambem não; porque na região não havia outras aguas a proposito. Os dez ou onze seculos passados tinham obliterado completamente as *Aquæ Lece* (Molledo), que só tres seculos depois d'elle foram de novo descobertas.

Sendo assim, não podia de fôrma nenhuma admittir que Presidio fosse a primeira estação da estrada com XVI milhas. 24 kilometros de Braga a Peso da Regua não podia ser, nem 81 d'ahi a Chaves, que eram de mais. O leitor não esquece que os Presidios e as estações *d'Ad* eram postas em fleira como os elos d'uma cadeia.

Entendeu portanto, á falta de melhor, que a ordem das estações fôra alterada e poz naturalmente Salacia em primeiro lugar, certamente em Villa-Fria ou Sa, á entrada de Pombeiro, onde eu a puz tambem ao principio, atraz d'elle.

Assim Presidio pôde ir para Peso da Regua; mas como 16 milhas, cerca de 24 kilometros, para uma distancia de 40 e tantos, é pouco de mais, de XVI, que o original tinha naturalmente como Caladuno, fez XXVI e assim tudo ficou composto. A Caladuno poz outros tantos, como se vê das variantes, e collocou-o em tres Minas, ou perto; d'ahi a Chaves podia contar XVIII milhas e o vasio ficou todo preenchido.

Não estavam todavia vencidos ainda todos os obstaculos. Depois de *Ad Aquas* era Pinetum. Sabe-se agora a razão por que elle o não podia encontrar no caminho em que ia. Pinetum era d'outra estrada. Diante de si tinha manuscriptos, que lhe davam, uns Petonio, outros Petavonio.

Não viu nas duas fôrmas o mesmo nome e tomou Petonio como erro de copia em logar de Pinetum; Petavonium atirou com elle para o fim da estrada, e, como em Ptolemeu a distancia d'este era muito grande, dividiu-a talvez em tres estações (XXXVI + XIX = 65; XXV + XXVIII + XV = 68) completando o imbroglio.

Assim Caladuno e Presidio, que eram *sosias*, foram separados; Caladuno e o seu presidio (a Arcella) passou de 1.<sup>a</sup> estação a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>; Ad Aquas, que era uma povoação fóra da linha, passou para a estrada; Pinetum, que era do centro da provincia, passou para o norte, e o resto da estrada ficou um mysterio impenetravel. Para o resolver, porém, bastou encontrar o Cão e Pedonho, e principiar o estudo da estrada por Ptolemeu. Foi um triumpho da toponymia.

---

Forum Bibalorum = Orelhão — 28 kilometros.

A estrada, que vamos seguindo, é pouco mais ou menos a mesma estrada, que, depois das reformas modernas, foi descripta na *Carta militar das principaes estradas de Portugal, 1808*, indo de Amarante a Villa Real, Torre do Pinhão, Lamas de Orelhão, etc.

Quem olha a carta de Mercator, vê entre Pinetus e Caladuno o logar denominado *Forum Bibalorum*. De Caladuno a Forum ha 40', de Forum a Pinetus 18'. Se o leitor fizer as duas medidas ao mesmo tempo, ellas encontrar-se-hão n'uma carta moderna em Orelhão. Ora Lamas de Orelhão é uma das povoações servidas pela estrada, que trilhamos, como já vimos. Além d'isto, o etymologista, que fixar n'esse nome a sua attenção, pôde ser que encontre ahi um problema curioso

e interessante, cuja solução talvez nos aproveite. Póde pois considerar-se Forum Bibalorum como uma estação da estrada antiga, onde é indispensavel por via da distancia entre Pine-tum e Petonium, demasiado grande para uma só *etape*, assim como Lamas é na estrada moderna tambem, para assim di-zermos, uma estação.

Forum Bibalorum, porém, não vem no Itinerario. Por-que? Porque o perderam como iam perdendo Caladuno. O It-nerario, na sua ultima redacção, é muito mais moderno que Ptolemeu. No tempo d'este, Forum Bibalorum, provavelmente fórma latina d'um nome antigo, ponto de reunião, mercado, capital dos Bibalos, era ainda recordado. Dois seculos depois, disperso, porventura exterminado, esquecido, mais que os outros castros, talvez por um acaso qualquer de secretaria, já não fez parte das informações mandadas para Roma. Se fizesse, não se illudiria o coordenador dos itinerarios, não se-ria este um problema.

V — Petavonium = Pedonho — 33 kilometros.

VI — Roboretum = Robledo — M.P.XXXVI.

VII — Completica = Castrocontrigo — M.P.XXIX.

VIII — Veniatiā = la Bañeza — M.P.XV?

Veniatiā tem no Itinerario 25 milhas; mas não sei como possa ser. É de notar que, tendo todas as demais estações d'esta estrada variantes no numero de milhas, só as não tenham, das quatro ultimas, exactamente aquellas tres, das quaes uma teve de voltar para traz, outra tem de voltar para além d'Astorga, d'onde vieram, e esta «*cujus mansionis, diz Wasseling, nullam reperio mentionem*».

Persuado-me todavia da existencia aqui de Veniatiā, sendo *la Bañeza*.

A questão no terreno apresenta-se assim:

De Castrocontrigo a Astorga . . . . .	35 kil.
De Castrocontrigo a la Bañeza . . . . .	26 »
De la Bañeza a Astorga . . . . .	26 »

A primeira medida corresponde bem á cota milliaria de Veniatiā no Itinerario, 25 milhas. Estaria, n'esse caso, Venia-tia por Astorga. As outras, do falso Petavonium a Argentio-lum e a de Argentiolum a Asturica, 15 e 14, corresponderiam na mesma proporção, com a differença de tres ou quatro mi-lhas ás distancias de Castrocontrigo a la Bañeza e de la Bañeza, a Astorga. Isto póde querer significar que nos primeiros tem-pos, nos de Ptolemeu, a estrada ia directamente de Completica a Asturica; que mais tarde, já nos tempos do Itinerario, tendo-

se creado ou prosperado uma povoação intermedia, Veniatia, esta fôra tambem dotada com a sua estrada. Em Mercator ha tambem vestigios d'esta combinaçãõ com a differença de que, formando Castrocontrigo, la Bañeza e Astorga, um angulo com o vertice para nascente, ahi Petavonium, Argenteola e Asturica fazem tambem um angulo mas com o vertice para poente. Isto foi porém assim feito com Argenteola, que veio de um grau mais a norte.

Resumindo: a estrada, tal como se afigura ao meu espirito e julgo ter provado, foi assim:

I — Caladuno + Presidio = Cão + Arcella (Guimarães).

II — Salacia = Govello (Amarante).

III — Ad Aquas = Aguas do Moledo.

IV — Pinetum = Pinhão.

— Forum Bibalorum = Orelhão.

V — Petavonium = Pedonho.

VI — Roboretum = Robledo.

VII — Completica = Contriga (Castrocontrigo).

VIII — Veniatia = la Bañeza.

IX — Asturica — Astorga.

Ficou-nos sem reduçãõ aquelle Argentiolum, que veio, no dizer de Mercator, de 80 kilometros a norte de Astorga. 43' é muito. Não entrarão no excesso os dois graus a mais de latitude da carta de Ptolemeu?

## IV

**Conclusão**

A estrada, que acabamos de percorrer, seguindo passo a passo os unicos guias d'auctoridade, que, n'este ponto especial, nos fornecem os antigos, tem aspectos na verdade um pouco estranhos.

Em Ptolemeu, por exemplo, se exceptuarmos Pinetus, que não era de lá e foi lá mettido por um restaurador á face do Itinerario, não temos em todo o trajecto senão cidades antigas, castros. Complutica, se essa fôrma é a que tem de prevalecer, diz o snr. J. Leite de Vasconcellos <sup>1</sup>, que é um nome latino, e eu creio. Em todo o caso foi um nome latino posto n'um castro pre-romano, e mesmo, para que n'isso não possa haver duvida, lá está no nome do seu representante actual o primeiro elemento a affirmar-o. Em Forum Bibalorum que eu me julguei auctorisado a incluir na relação das estações, por indicação, deixem-me assim dizer, do proprio geographo, parece ter succedido coisa parecida. Comtudo, um castro, se Forum é Orelhão, de quem diz o Padre Carvalho: « Está fundada na fralda de uma serra... No alto da referida serra se vêem algumas muralhas arruinadas, e vestigios de fortaleza, obra dos Arabes.» Dois seculos depois, no tempo do Itinerario, os romanos apenas ahi tinham fundado em todo o percurso, tres paragens, á borda do Tamega, do Pinhão e do Tera, e Veniatia, que não sei o que era. Ad Aquas estava fóra da linha. Dir-se-ia aquellá uma estrada anterior aos romanos, feita para serventia de todos esses castros, que um interesse commum ligasse.

Isto não quer dizer, porém, que eu julgue que os romanos se limitassem a consideral-a uma das suas estradas militares, incluindo-a no Itinerario sem que realmente a tivessem, ou aberto de novo, ou corrigido e melhorado. Pelo contrario, a estrada, na parte que conheço, foi aberta de novo, parece romana, creio que o foi; mas tem todos os visos d'uma d'es-

---

<sup>1</sup> *Religiões da Lusitania*, II, pag. 41.

sas estradas que os conquistadores rasgavam durante ou immediatamente á invasão, para facilitar a conservação do dominio, e abastecimento de viveres, etc. A conquista de Bruto foi em 138 e a construção de estradas parece ter tido só o seu inicio em Roma no tribunado de Graccho, em 124; mas a campanha de Cesar foi em 60, a expedição de Augusto em 26, a submissão definitiva, pouco mais ou menos, da Gallecia em 19. A estrada romana é talvez dos primeiros tempos d'Augusto; mas não haveria outra mais antiga? É uma característica d'esta estrada o não ter marcos milliarios. Uma estrada de Augusto sem marcos é coisa estranha. Em todo o caso é certo que ella existiu; mas é igualmente certo que na pequena secção que primeiramente percorremos, o leitor ha de lembrar-se que, a todo o longo d'ella, fomos sempre encontrando aos lados, na toponymia e no terreno, os vestigios d'um caminho paralelo, que parece ter sido o precursor da estrada romana. A Torre dos Cães, o Campo do Gallego, a Ponte dos Cães, o Portello dos Gallegos, a Poça dos Cães, a Barroca dos Gallegos, Campos de Cães, a Barroca de Cães, vão-a sempre acompanhando por mais ou menos perto. São todos pontos esses, que vão marcando o caminho a que me refiro entre Caladuno e o Sendom. O mesmo factó reproduzirse-ha, esse ou outro identico, na continuação do percurso? Não sei; mas a toponymia guarda, para quem a tratar, muitos e curiosos resultados. Este não é dos menos curiosos. Não ha marcos milliarios; mas não faltam os nomes.

Outro aspecto nada menos interessante, não digo já da estrada, mas da fôrma como ella vem descripta, ou como ella foi tratada por aquelles que a descreveram, consiste no formidavel imbroglio com que a remataram á volta de Asturica. Como o leitor certamente se lembra, o Itinerario (ahi o factó torna-se mais saliente) depois de Complectica, que o coordenador devia saber situada onde hoje está Castrocontrigo, apresenta ainda as seguintes distancias: a Veniatia 25 milhas, a Petavonium 28, a Argentiolum 15 e a Asturica 14; ao todo 82 milhas, que, segundo a fôrma de contar *à vol d'oiseau* de Quicherat, equivalem a 123 kilometros. Se não se soubesse que todas essas milhas se deviam gastar até Asturica, certamente ninguem se lembraria de fazer viajar a estrada por toda a provincia de Zamora ou Leon, como se tem feito. O que naturalmente faria era estendel-as a direito, o que levaria a estrada, não a Asturica sem duvida, mas a Lucus Asturum (Oviedo, Lugones ou Gijon). Lucus *Asturum* é um nome bem

capaz de confundir-se com Asturica, pois não é? Comtudo os romanos descreveram-a como estrada de Astorga, e nós mesmo sabemos que Petavonium ficava atraz. Mas, se Petavonium veio de traz para diante, não podia muito bem acontecer que Argentiolum viesse de diante para traz? Não podia muito bem acontecer! Nós sabemos já com toda a certeza que veio. Disse-o o proprio que para cá a trouxe, disse-o Mercator, como vimos. O imbroglío fôra feito por elle e Mercator não fez mais do que prestar ao Itinerario a auctoridade de Ptolemeu. Este tinha collocado Argentiolum ao norte de Astorga, Mercator puxou-a nada menos d'um grau para sul. Se restituirmos pois Argentiolum á sua posição antiga, pouco mais ou menos, vamos talvez dar, a meio caminho entre Astorga e Lucus, com Villargosan, onde porventura estará o seu nome.

Sendo isto assim, o que era a estrada? Uma estrada militar? A estrada de penetração de Augusto ou de Agrippa, feita sobre ou ao lado de uma estrada de penetração commercial? Para serventia de quem? Dos castros mencionados no lter até Bracara? Uma estrada do *porto de mar* de Lucus Asturum para serventia de Braga, n'uma tal extensão, seria caso! Vamos a Braga.

Quando eu principiei este pequeno estudo, parti sempre do principio de que, se algumas das cidades de Ptolemeu tinham a sua situação exacta, essas seriam as capitaes das chancellorias, Astorga e Braga. N'essa conformidade marquei a situação de Caladuno de Ptolemeu em Amarante, que era onde me levavam as medidas do velho geographo, tomadas de Braga, e n'essa ideia, persisti até que a descoberta (chamemos-lhe assim) de Pedonho veio fixar a situação de Completica no Castrocontrigo e corrigir a de Caladuno, levando-o a Guimarães, de conformidade com a toponymia; com o que eu rejubilei, por saber quanto se está n'este genero de congeminações sujeito a tomar a nuvem por Juno.

Sim; mas Braga? Braga fica em Ptolemeu, não ha duvida, a mais do dobro da sua distancia real de Guimarães. Braga fica, segundo o geographo grego, a 43 kilometros de Guimarães. Ha portanto aqui um erro capital, um erro evidente; não é verdade? Talvez. A experiencia tem-me ensinado que é necessario grande cuidado com os disparates de Ptolemeu, que podem muito bem ás vezes ser os nossos.

A medida de Ptolemeu leva Braga á foz do Neiva, talvez melhor, á foz do Lima. Ora certamente Braga não é Vianna; mas a estrada que vinha das Asturias, a unica estrada que

abria á exploração commercial todo o noroeste da Iberia, antes da conquista romana, essa é que tinha a sua saída, o seu porto do lado do Atlantico na foz do Lima. Uma estrada encurta as distancias. Bracara era provavelmente a primeira cidade importante da estrada. Como se havia de chamar então, como se havia de fazer conhecido esse porto, senão chamando-lhe o porto de Bracara? Certamente assim lhe alludiriam algumas relações de viajantes ou commerciantes, que chegaram ao conhecimento dos latinos e gregos. D'ahi o celebre verso de Ausonio nas *Clarae Urbes*:

*Quaeque sinu pelagi jaetat se Bracara dives,*

que mostra Bracara pimponeando-se á beira do mar. Mas tambem podia ser outra coisa. Ausonio era de Bordeus. Não seria então antes um echo das antigas relações de commercio entre os mareantes da costa do Atlantico? <sup>1</sup>

A estrada passava a Barcellos, provavelmente pelos logares de Gallegos nas freguezias de Santa Maria, S. Martinho e Lijó. O porto na foz do Lima bem conhecido é d'ha muito tempo. Na sua *Ora Maritima* (2.<sup>a</sup> edição, pag. 32) Sarmiento identifica o Promontorium Avarum de Ptolemeu com o Aryium Jugum de Avieno e ambos com o Monte Dor a norte da foz do Lima. Em Avieno os promontorios subentendem sempre um porto, que o antigo roteiro cautelosamente indicara nas enseadas. Fallando do golfo de Gasconha, mencionava elle a estrada que do angulo do golfo ia, costeando os Pyreneus, sair ao mar Sardo. A sul do Ophiusa, outro promontorio e outra estação, e d'ahi para a foz do Ana outra estrada, que levava quatro dias a percorrer. Fallando d'ella diz o sabio illustre, que prestou o seu nome a esta Sociedade:

---

<sup>1</sup> Esta ideia póde parecer demasiado phantasista; contudo a unica maneira de encarrear, á sahida de Braga, o *Iter* de Braga a Astorga *per loca maritima*, em conformidade com as distancias do Itinerario, é suppol-o, partindo de Viana:

Aquis Celenis — stad CLXV (pela foz do Minho)  
Vico Spacorum — stad CXCIV (em Vigo)

e todavia a estrada diz-se, não de Viana, mas de *Braga a Astorga*. Parece noticia de roteiro muito anterior aos romanos.

«Uma estrada commercial, porque de certo o era, atravessando o paiz dos Cynetos e pondo em communição os Tartessios com os povos de Ophiusa, não é das menos curiosas informações que devemos ao periplo.» ... e accrescenta «mas não deixa de ser singular que nem a esta bahia, aonde concorriam os negociantes estrangeiros e os povos sertanejos, dê elle um nome proprio, ou ao menos a qualquer povoação notavel, que não podia alli faltar.» (Ibid., pag. 41).

Anteriormente (a pag. 26) tinha dito tambem: «... as medidas itinerarias d'uma estação para outra seriam um valioso subsidio, mas apenas encontramos uma, e destacadamente, entre o Aryium Jugum e o Ophiusae prominens; nas indicações topographicas transparece sempre uma nitidez de traços, que só a uma copia do natural podem ser attribuidos; mas nós veremos que umas vezes faltam, no Aryium Jugum, e no Ophiusae prominens, por exemplo...»

Se o chorado auctor d'estas linhas fosse ainda vivo, reconheceria mais uma vez, me parece, quanto havia de intencional na falta de informações de que se queixa; reconheceria talvez que, se Avieno nos dá apenas uma medida itineraria entre o Aryium Jugum e o Ophiusae prominens, não era certamente culpa d'elle. Trata-se aqui apenas naturalmente de uma nota desgarrada de algum roteiro commercial. O traficante, carthaginez ou tartessio, tomára pé na margem do Ana, explorava á vontade o paiz dos Cynetos ou ia em direitura em quatro dias á foz do Tejo. Ahi embarcava. É um pouco estranho o abandono em que deixava o paiz dos Cempses e Saefes; mas diz Avieno:

*Cempsi atque Saefes arduos colles habent  
Ophiusae in agro...*

Este traço do periplo não parece querer indicar um povo, que se furtava ao trato commercial, esquivo, grosseiro ou medroso? Dois dias de viagem pelo mar levavam o viajante á foz do Limia, ao porto de Bracara, ao paiz dos Ligures e Draganes. Haveria qualquer povoação á entrada do rio? É provavel, é provavel mesmo que a houvesse em Barcellos egualmente; mas Bracara era a cidade principal. Seguia depois a estrada que descrevemos, explorando o noroeste da Iberia. No *porto* de Lucus Asturum tornava a embarcar. Descia no vertice do golfo de Gasconha e acabava o seu longo percurso no paiz dos Sordones ou Sardones, da mesma pro-

veniencia ethnica, cuido eu, d'aquelle d'onde partira. Com as entradas de todas as vias do occidente tomadas pelas suas colonias, senhores ainda do mar os phenicios ou cartaginezes pelas suas esquadras, ganha a confiança e a estima das populações, que visitavam regularmente, se não fosse a expansão de Roma, que seria do Occidente ?

D. LEITE DE CASTRO.